

As outras cores da Modernidade em Walter Benjamin

Camila Pereira ¹¹

Resumo

Este artigo é uma breve análise das pinceladas que o pensador alemão Walter Benjamin nos legou sobre seu tempo e a história. Intelectual inclassificável, Benjamin (1892-1940) foi um inovador que jamais se deixou restringir por divisões acadêmicas ou posturas ideológicas prontas. Hoje, na aurora do século XXI, o historiador faria bem em seguir seus passos, sem tentar enquadrar em esquemas conceituais pré-definidos os sutis matizes de seus objetos de estudo.

Palavras-chave: Walter Benjamin, teoria da história, história cultural.

E assim apresentamos o novo método dialético da historiografia: atravessar o passado com a intensidade de um sonho, a fim de experimentar o presente como o mundo da vigília, ao qual o sonho se refere. (WALTER BENJAMIN; *apud* BOLLE, 1994b, p. 63)

Walter Benjamin é a sóbria medida entre o invisível e o sensível. De tempos em tempos tem-se a sensação de que novas correntes de pensamento vêm para sacudir as tão solidificadas e cômodas bases das formas de pensar de um determinado momento histórico. Se numa época pretende-se a extrema objetividade da ciência histórica, outrora o relativismo esmaece essa pretensão. Se em um instante a verdade é tudo que se almeja, noutra nem se acredita na sua existência. Sendo assim, salta aos olhos como Benjamin recondiciona as estratégias para uma nova forma de olhar não apenas a história, mas o mundo de uma maneira em geral.

¹ Licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), cursa atualmente o mestrado em História na Universidade de Brasília-UnB (área de concentração: História Cultural). Foi professora no curso de História da UEG (campus de Formosa) e já ministrou diversas disciplinas a distância na UnB, inclusive na pós-graduação. [mila.dpereira@gmail.com]

Não são poucos os relatos que confirmam sua falta de habilidade tanto com as questões subjetivas quanto práticas de sua existência. Hannah Arendt (1987, p. 133) chama a atenção para a sua intrínseca “má sorte”, que corrobora decisivamente para os rumos tortuosos que sua vida passa a seguir e, conseqüente, nos reflexos desses dissabores e destemperos nos seus escritos e em suas pesquisas, e mais ainda, na sua maneira de lidar com o real e com as práticas cotidianas. Gagnebin, notável estudiosa da vida e da obra desse intelectual, discute a autodefinição de Benjamin como um fracasso exemplar.

Fracasso, porque Benjamin nunca ‘obteve êxito’, nem em seus amores, nem em sua carreira profissional, e porque suas obras constituem, de acordo com suas próprias palavras, ‘pequenas vitórias’ e ‘grandes derrotas’; mas fracasso exemplar, porque ele testemunha, de maneira lúcida e cadente, não somente a dificuldade de um intelectual – sobretudo judeu – para sobreviver ao fascismo sem se renegar, como também as insuficiências, ao mesmo tempo práticas e teóricas, do movimento político que teria de resistir o mais eficazmente ao fascismo... (GAGNEBIN, 1993, p. 8).

Essa constatação traz ao palco uma das maiores contribuições de Walter Benjamin para a historiografia contemporânea, que é a percepção da mútua influência do historiador – com todo seu contexto social, político, cultural e também sua bagagem pessoal – na escrita da história.

Não por acaso, Benjamin escolheu retratar a classe média e suas angústias e aventuras. Ele era um homem desse grupo, que compartilhava as inquietações de um mesmo momento, tanto na esfera judaica – a qual sofria problemas de não aceitação do anti-semitismo evidente exercido por grande parte dos europeus – quanto no ambiente europeu não semita, o qual voluntariamente ou não ele estava inserido e recebia essa realidade como herança refletida nas suas posturas: “Benjamin não estudou a história social de Paris do século XIX em si, mas pelo interesse que ela representa para a compreensão da mentalidade e da mitologia de sua época” (BOLLE, 1994a, p. 114).

Hoje, no século XXI, essa idéia do historiador deixar suas marcas na feitura da história parece clara e até um pouco óbvia, mas imagine essas elucubrações

sendo feitas no início do século passado, quando os antigos paradigmas teóricos e metodológicos nem sonhavam em passar por uma crise (PESAVENTO, 2003).

Michel de Certeau, na década de 1970, corrobora esse pensamento de que a história é resultado do meio que a produz, e também do tempo em que é produzida. Ressaltando a pertinência da percepção que a história e o historiador devam ter seus 'lugares' considerados.

O real que se inscreve no discurso historiográfico provém das determinações de um lugar. Dependência com relação a um poder estabelecido em outra parte, domínio das técnicas concernentes às estratégias sociais, jogo com os símbolos e as referências que legitimam a autoridade diante do público são as relações efetivas que parecem caracterizar este lugar da escrita (CERTEAU, 2007, p. 21).

Com essa consciência, Benjamin percebe a possibilidade de diálogo entre o sensível e o extra-sensível. Entre as macro e micro estruturas de pensamento e atitude. Nesse instante, surge uma nova dialética benjaminiana, onde os grandes processos históricos e políticos não calam as sutilezas cotidianas, ao contrário, ambos interagem de forma em que é possível a percepção de traços de um no outro, ou mais ainda, ver nos pequenos gestos, objetos e intenções ordinárias² o resumo de toda uma forma de pensar de um tempo histórico. Para Benjamin, “quanto menor fosse o objeto, tanto mais provável pareceria poder conter tudo sob a mais concentrada forma” (ARENDETT, 1987, p. 142).

Esse, na verdade, é o conceito de mônada – “uma imagem abreviada do mundo” – que é utilizado freqüentemente por Benjamin na escrita de seus textos e também na sua forma de compreensão do mundo que o cerca. Em *Infância em Berlim* esse mecanismo é extremamente notável. É através das sutilezas que Benjamin retrata não só o momento pessoal pelo qual passava, mas também o cenário político e social que o circundava. No trecho em que se refere ao telefone é interessante a intersecção que ele promove entre a materialidade do objeto e o seu significado extra-sensível.

² Aqui a expressão 'ordinária' ganha o caráter de 'comum', 'diário', 'habitual' e não o sentido pejorativo de 'vulgar', que é costumeiramente usado em nossos diálogos corriqueiros.

A toda hora o telefone era como meu irmão gêmeo. E assim pude vivenciar como triunfo sobre a humilhação dos primeiros tempos da sua carreira briosa. Pois quando lustres, guarda-fogos e palmeiras decorativas, consoles, mesinhas de centro e parapeitos, que então cintilavam nos salões frontais, já estavam há muito estragados e mortos, tal qual um herói lendário, que ficara enfeitado numa garganta de montanhas, o aparelho deixando atrás de si o corredor escuro, fez sua entrada real nos aposentos iluminados e mais claros, agora habitados por uma geração mais jovem. Foi para este o consolo da solidão (BENJAMIN, 1994b, p. 79).

Na tese IV *Sobre o conceito de história*, fica claro como na concepção benjaminiana o concreto se relaciona com a subjetividade de forma interdependente e não por intermédio de uma sobreposição hierárquica entre o documentável e o que para muitos pensadores não passaria de sentimentalidades banais. É a nova dialética proposta por Benjamin, em que um fator não necessariamente contradiz o outro, mas o completa, fazendo surgir um terceiro elemento que não se localiza nas extremidades conceituais.

A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma de confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre a vitória dos dominadores.[...] O materialismo histórico deve ficar atento a essa transformação, a mais imperceptível de todas (BENJAMIN, 1994a, p. 223).

Outro indício da vida privada de Benjamin que reflete em sua obra – se é que é possível a dissociação de ambas – é o dualismo entre judaísmo e materialismo histórico. Não são poucas as passagens em que se tornam claras as intenções salvacionistas em diálogo com a doutrina materialista. Isso porque, como antes falado, não se pretendia a polarização discursiva, mas o diálogo das mais variadas correntes e possibilidades.

Benjamin manteve ambos os caminhos abertos para si durante anos; continuou a considerar o caminho para a Palestina muito tempo depois de ter se tornado marxista,

sem se permitir ser desviado, por mínimo que fosse, pela opinião de seus amigos de orientação marxista, principalmente os judeus. Isso mostra claramente quão pouco lhe interessava o aspecto “positivo” dessas ideologias, e que o que lhe importava em ambos os casos era o fator “negativo” de críticas às condições existentes, um caminho para fora da hipocrisia e das ilusões burguesas, uma posição fora da instituição literária e também acadêmica (ARENDDT, 1987, p. 162).

Com essa postura, Benjamin oferece uma grande lição para os pensadores na Modernidade – e para seu finalzinho que muitos chamam de ‘pós’. Proporcionar interações entre as áreas de conhecimento não empobrece a seriedade dos trabalhos de pesquisa, ao contrário, os tornam suscetíveis a novas formas de perceber a tão complexa teia histórica.

Num tempo onde as formas de percepção do real não são mais compreendidas de maneira estanque e isolada, nada mais cabível do que olhar para o passado sem a preocupação de seccioná-lo em caixinhas de saberes. É importante elucidar em que terreno se pisa, quais são as regras do jogo em cada campo e saber jogá-las de forma comprometida, mas não é impossível adaptar regras novas em jogos antigos para dinamizá-los, enriquecê-los e fazê-los interagir com os demais na busca de um melhor resultado em suas metas.

Na tese I *Sobre o conceito de história*, a intersecção entre as duas linhas de pensamento – materialismo e teologia – tornam-se evidentes. Com uma “alegoria irônica” (LÖWY, 2005, 41) Benjamin elucida uma dependência mútua de ambas para a compreensão da história:

Um fantoche vestido à turca, com um narguilé na boca, sentava-se diante do tabuleiro, colocado numa grande mesa. Um sistema de espelhos criava a ilusão de que a mesa era totalmente visível, em todos os seus pormenores. Na realidade, um anão corcunda se escondia nela, um mestre no xadrez, que dirigia com cordéis a mão do fantoche. Podemos imaginar uma contrapartida filosófica desse mecanismo. O fantoche denominado ‘materialismo histórico’ ganhará sempre. Ele pode enfrentar qualquer desafio, desde que tome a seu serviço a teologia (BENJAMIN, 1994a, p. 222).

Se a classe média era o meio em que Benjamin percebia e sofria suas angústias, a cidade era o palco desses desdobramentos. Sendo assim, a ambiência urbana ganha notório espaço na discussão benjaminiana.

A relação do homem com a multidão, categoria característica do *fin-de-siècle* é um ponto relevante, pois essa reflete uma singular dicotomia entre o público e o privado, visto que ao se pôr à vista ante esse aglomerado de gente, o indivíduo não deixa de ser ‘um’, embora passe a participar do conjunto de ‘outros’, criando assim uma tensão entre seu construto pessoal e as ‘regras sociais’ pré-estabelecidas.

Os mesmos fatores que assim redundaram na exatidão e precisão minuciosa da forma de vida redundaram também em uma estrutura da mais alta impessoalidade; por outro lado, promoveram uma subjetividade altamente pessoal (SIMMEL, 1967, p. 18).

O cenário urbano é um ambiente propício para a percepção das multiplicidades comportamentais que envolvem as posturas em relação à forma de significar a vida e se posicionar ante a ela, onde as praças, monumentos e lugares são animados e reinventados pelos indivíduos modernos e suas formas de representação do real. A subjetividade e objetividade dialogam constantemente nas ruas citadinas, os indivíduos modernos são freqüentemente interpelados por um *eu* que se aprofunda e um todo que o subtrai (BERMAN, 2003).

Nesse cenário subjetivo, a cidade é ressignificada por um personagem que é ricamente descrito e interpretado por Walter Benjamin: o *flâneur*, o qual vai encher de significados latentes a cidade visível e sensível da Modernidade, mais precisamente, nesse contexto, a Paris do século XIX.

O *flâneur* é um exemplo da aplicação do conceito de mônada estabelecido por Benjamin. Esse ser é o epílogo da mentalidade oitocentista que tanto chamou a atenção de Walter Benjamin. Ele é reflexo das inquietações que se situam no limiar da forma de vida burguesa e as práticas contestatórias desse estilo de conduta.

Willi Bolle (1994, p. 367) entende o século XIX como “o tempo de homens partidos”, que vivem sob a dialética de concentração e dispersão. Ninguém melhor

que o *flâneur* para representar essa dualidade moderna. Partido entre o ambiente interior – normalmente de seus quartos – e exterior das ruas que tão bem o serviam de morada. Partido quanto a posturas políticas e econômicas adotadas por seus contemporâneos – afinal de contas, mesmo numa tentativa extasiante de não seguir a dinâmica capitalista, o *flâneur* precisava se sustentar e por vezes teve que se submeter às práticas comerciais e financeiras vigentes (BENJAMIN, 1985).

O *flâneur* além de representar a idéia de mônada é um também um símbolo da aplicação da doutrina das semelhanças, em que através da rememoração é possível comparar as paisagens outrora vistas, mas que não são idênticas, mas sim semelhantes ao que ele percebe. Para Benjamin, a cidade é um rosto, e com isso, as semelhanças são possíveis, em contraponto a simples idéia de imitação e igualdade (BOLLE, 1994).

A rua conduz o flanador a um tempo desaparecido. Para ele, todas são íngremes. Conduzem para baixo, se não para as mães, para um passado que pode ser tanto mais enfeitante na medida em que não é o seu próprio, o particular. Contudo, este permanece sempre o tempo de uma infância. Mas por que da sua vida vivida? No asfalto sobre o qual caminha, seus passos despertam uma surpreendente ressonância (BENJAMIN, 1994c, p. 185).

Charles Baudelaire, mesmo sendo o primeiro a utilizar o conceito de Modernidade, colocou-se para além do papel de pensador e posicionou-se como mais um moderno a interagir com as dicotomias e tensões oriundas desse período, cercado por uma profunda inquietação, ele se vê como retrato do seu tempo, das suas ânsias e discontinuidades e mais ainda, como um *flâneur*.

Ambos – Baudelaire e Benjamin – tinham como inquietações as fantasmagorias das metrópoles européias, e eles as percebiam de forma significativamente particular em que, por diversas vezes seus olhares se imbricavam. O editor João Alexandre Barbosa, já na orelha do volume, nos chama a atenção para essa consonância entre esses dois espíritos:

Entre Walter Benjamin e Charles Baudelaire estabeleceu-se uma rede de relações tão bem tramadas e costuradas (como se o crítico de um e o poeta do outro terminasse

por delinear uma figura mítica para além de um e de outro) que as histórias da crítica e da poesia modernas são levados a incorporar um discurso crítico por onde o leitor contemporâneo tem dificuldade em distinguir aquilo que é do poeta daquilo que o crítico faz ser do poeta (BENJAMIN, 1994c).

Assim como Benjamin, Baudelaire se apegava aos detalhes cotidianos da ambiência urbana para escrever seus textos. Aquele era seu habitat, as ruas, os becos, as esquinas faziam da cidade a morada perfeita para um solitário que não percebia tão bem as linhas fronteiriças entre as paredes do seu quarto e as vitrines das lojas, entre o interior e o exterior, onde a multidão não o redimia da solidão.

Admira a eterna beleza e a espantosa harmonia da vida nas capitais, harmonia tão providencialmente mantida no tumulto da liberdade humana. Contempla as paisagens da cidade grande, paisagens de pedra acariciadas pela bruma ou fatigadas pelo sopro do sol. Admira as belas carruagens, os garbosos cavalos, a limpeza reluzente dos lacaios, a destreza dos criados, o andar das mulheres onduladas, as belas crianças felizes por viverem e estarem bem vestidas; resumindo, a vida universal (BAUDELAIRE, 2002, p. 22).

A história vista por esse ângulo não é mais um amontoado de fatos duros e silenciosos, é uma história dinâmica e subjetiva. Na tese XIV *Sobre o conceito de história*, Benjamin (1994a, p. 229) diz que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. Benjamin, mais do que ver a história de uma forma destoante da tradicional, propõe uma outra maneira de contar essa história. Assim como Adorno, ele chama a atenção para a profundidade lingüística do ato de fazer história: “não obstante, possuímos também um cânone, que se aproxima de uma compreensão mais clara do conceito de semelhança extra-sensível. É a linguagem”.

Nessa concepção a palavra torna mundano o que a priori era supramundano, isto é, as idéias não são apenas a expressão do acontecido ou pensado, é também o espelho da ressignificação realizada pelo seu enunciador que é comparilhada com os demais.

Para Benjamin, a historicidade do pensar provém muito mais da historicidade da linguagem – historicidade dos

conceitos, dos usos lingüísticos, das metáforas em vigor – do que um índice temporal específico das questões tratadas (GAGNEBIN, 2001, p. 355).

Com essa consciência lingüística o conceito de *mimesis* é adotado por Benjamin (1994a, p. 108-113) não no sentido de cópia do que se refere, mas sim como elo referencial.

Vários textos de Benjamin podem ser lidos como pequenos tratados disfarçados da dimensão mimética do pensamento, tanto pelo seu ritmo como pela sua temática. Em particular, os textos consagrados às brincadeiras infantis, exercícios lúdicos da aprendizagem especulativa e prática da vida adulta. [...] um tratado sobre *mimesis*, magia e racionalidade, desencantamento e ciência sobre espaços familiares (a casa) e, estranhos, em suma uma pequena Dialética do Esclarecimento e do sinistro (GAGNEBIN, 2001, p. 358).

A concepção mimética de Benjamin não se limita ao lúdico ou ao idílico, mas à compreensão das dinâmicas do real e do “surreal” como um todo. Na *urbes* oitocentista, a multidão era um agente de interação diária com os personagens daquele período, logo perceber ao outro se tornava tão vital quanto a percepção de si para uma construção identitária. Nesse processo, na contramão do óbvio, Benjamin é um dos primeiros a perceber que a identidade se faz pela diferença, e essa é desenhada pelas semelhanças. Gagnebin (2001, p. 361) ressalta que “enquanto empatia se constrói pelo viés da identidade, a experiência mimética se atém à observância de uma proximidade do não-idêntico”.

Para retratar essas idéias que eram tão destoantes do momento intelectual ao qual Benjamin pertencia, era necessária também uma nova forma de transmissão, para tanto, ele se vale da uma linguagem poética que é perceptível nas formas que seus textos e sua “historiografia alegórica” (BOLLE, 1994b, p. 412) assumem. Ele se recusa a perceber a história como algo fechado, acabado.

No ensaio *Desempacotando minha biblioteca*, é impressionante perceber o paralelo traçável entre o colecionador benjaminiano e o historiador que assume uma nova postura na apreensão e disponibilização dos fatos na teia histórica, em que, a priori, “o suave tédio da ordem ainda não os envolve” (BENJAMIN, 1994b, p. 227).

Assim como na montagem de uma coleção por seu colecionador a história também é fruto de uma ordem elaborada por seu feitor, ou seja, os objetos – fatos históricos – podem assumir diferentes significados dependendo da disponibilização a qual são submetidos, e esse é um processo altamente subjetivo e pessoal.

Paul Veyne (1995, p. 18), mais tarde, na década de 70, corrobora essa idéia ao ressaltar o caráter incoerente da disciplina histórica:

O campo da história é, pois, inteiramente indeterminado, com uma única exceção: é preciso que tudo o que nele se inclua tenha, realmente acontecido. Quanto ao resto, que a textura do campo seja cerrada ou rala, completa ou lacunar, não importa; [...] “A história é um conjunto descontínuo, formado por domínios, cada um deles definido por frequência própria”.

Ao partir desse pressuposto, Benjamin (1994b: 228) então localiza o agente formulador dessa história – e dessa coleção – em “uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem”. Logo, a história não é percebida por ele como um construto linear e pasteurizado. O que o condiciona a fazer fortes críticas a idéia de progresso que tanto o historicismo quanto a doutrina da social-democracia pregavam.

A idéia de progresso da humanidade na história é inseparável da idéia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da idéia do progresso tem como pressuposto a crítica da idéia dessa marcha (BENJAMIN, 1994a, p. 229).

Para contrapor-se a essa forma de ver e fazer a história, ainda no mesmo ensaio sobre coleções e colecionadores, Benjamin enaltece o caráter destrutivo que algumas pessoas assumem diante das tradicionais posturas de lidar com o real.

O caráter destrutivo é o adversário do homem-estorjo. O homem-estorjo busca sua comodidade, e sua caixa é a síntese desta. O interior da caixa é o rasto revestido de veludo que ele imprimiu no mundo. O caráter destrutivo elimina até mesmo os vestígios da destruição. O caráter destrutivo está no front dos tradicionalistas. Alguns transmitem as coisas, tornando-as intocáveis e conservando-as; outros transmitem as situações, tornando-as manejáveis e liquidando-as. Estes são os chamados destrutivos (BENJAMIN, 1994b, p. 237).

Todas essas inovações estéticas e conceituais imprimiram em Benjamin a necessidade de contar a história de uma “outra forma” o que o permitiu usar de artifícios imagéticos para a compreensão das questões sociais levantadas. Willi Bolle (1994b, p. 43) diz que “por meio de imagens – no limiar entre consciência e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma época.” Os formatos de seus textos também foram inovadores; ele gostava de escrever ensaios, tipo de obra a qual não possui sua dimensão interpretativa finalizada com o ponto final do autor.

As desestruturações propostas e promovidas por Walter Benjamin não são uma simples negação da tradição. Mas sim um convite para uma nova conduta ao encará-la, ele afirma que “em cada época é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela” (BENJAMIN, 1994a, p. 224).

Benjamin não renega o peso da experiência, ao contrário, ele a prioriza. Sem sua valorização provavelmente não seria possível o processo de rememoração, o que aprisionaria a humanidade num eterno presente. No ensaio *Experiência e pobreza* ele mostra sua postura categórica quanto a essa questão.

Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais, podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorratamente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie (BENJAMIN, 1994a, p. 114).

O que inquieta Walter Benjamin é como olhar esse passado e essa tradição por um novo prisma e não descartá-los ou ignorá-los. A sua alusão ao colecionador e a nova forma de suas construções textuais – que são “coleções de citações”, segundo Hannah Arendt –, dão o tom dessa pretensão. A tática destrutiva adotada por Benjamin é tomada como força motriz na ressignificação do real que se oferece ao presente.

[...] a transmissibilidade do passado fora substituída pela sua citabilidade e que, no lugar de sua autoridade, surgira um

estranho poder de se assentar aos poucos no presente e de privá-lo da ‘paz mental’, a paz descuidada da complacência. [...] essa descoberta da função moderna das citações, segundo Benjamin, [...] nascera do desespero – não o desespero de um passado que se recusa ‘lançar sua luz sobre o futuro’ e deixa a mente humana ‘vaguear na escuridão’, como em Tocqueville, mas o desespero do presente e o desejo de destruí-lo; daí que seu poder seja “não a força para preservar, mas para limpar, arrancar do contexto, destruir” (Benjamin). Ainda assim, os descobridores e amantes desse poder destrutivo estavam originalmente inspirados por uma intenção totalmente diferente, a intenção de preservar; e só porque não se deixaram enganar pelos ‘preservadores’ profissionais a seu redor é que finalmente descobriram que o poder destrutivo das citações era “o único que ainda traz a esperança de que sobreviva algo deste período – por nenhuma outra razão além da de ter sido arrancado dele” (ARENDR, 1987, p. 166).

Walter Benjamin percebeu as cores que por vezes eram apagadas pela cortina cinza das formas conservadoras de entender a dinâmica da Modernidade. Seu olhar lhe permitiu ver as nuances que os intervalos cromáticos modernos lhe apresentavam. Para ele as coisas não se limitavam ao preto ou ao branco, ao certo ou ao errado, ao sensível ou ao invisível, ao materialismo ou à teologia, ao cotidiano ou às grandes correntes de pensamento, enfim, Benjamin se propôs a ver o período moderno longe de uma perspectiva bipolar ou maniqueísta. Ele travou diálogos importantes em campos outrora tidos como antagônicos. Transitou por entre as mais diversas fronteiras cognitivas e isso não o levou a vestir a roupagem limitante de um enquadramento numa corrente intelectual.

Apesar de sua significativa contribuição para diversos segmentos do saber, Benjamin era, segundo Hannah Arendt (1987, p. 135), inclassificável. E quão bela contribuição essa postura benjaminiana traz para o debate da historiografia contemporânea. Tentar restringir o conhecimento a campos delimitados o torna carente de possibilidades. Mas essa interação interdisciplinar não implica na ausência de parâmetros para se realizar uma pesquisa séria, ao contrário, Benjamin (1994b, p. 230) lembra no ensaio *Desempacotando minha biblioteca* que “propriedade e posse estão circunscritas a uma tática.”

Logo, num momento que tanto se prega a necessidade de beber em outras águas do saber, nada mais relevante que olhar os objetos escolhidos para análise com a pretensão de uma mesma sensibilidade que guiou Walter Benjamin no estudo da Era Moderna, em que as áreas de conhecimento, com suas regras próprias, suas intenções particulares e seus destinatários não são excludentes e nem tão pouco isoladas. O que reflete não um rompimento ou uma postura maniqueísta entre os setores de pesquisa, mas uma interação.

Walter Benjamin's different colors of Modernity

Abstract

This paper is a brief analysis of Walter Benjamin's colorful thoughts on his time and history. German intellectual, unclassifiable, Benjamin (1892-1940) was an innovator and never allowed himself to be restricted by academic divisions or ready-made ideological points of view. Today, at the dawn of the 21st century, the historian would do well by following in his footsteps and not squaring the subtle hues of its subjects in pre-defined conceptual schemes.

Key-words: Walter Benjamin, theory of history, cultural studies.

Referências

ARENDDT, Hannah. Walter Benjamin: 1892-1940. In: _____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 165-222.

BAUDELAIRE, Charles. *Les petits poèmes en prose: le spleen de Paris*. Paris: Pocket, 1995.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin: sociologia*. São Paulo: Ática, 1985, p. 30-122.

BENJAMIN, Walter. *Les livres des passages*. Paris: Les éditions du cerf, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994a. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1994b. (Obras escolhidas, v. 2).

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994c. (Obras escolhidas, v. 3).

BERMAN, Marshall. O Fausto de Goethe: a tragédia do desenvolvimento. In: BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: [s. n.], 2003.

BOLLE, Willi. Alegoria, imagens, tableau. In: Novaes, Adauto (Org). *Artepensamento*. São Paulo: Cia das letras, 1994a. p. 411-432.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: EdUSP, 1994b.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. P. 43-69.

DE CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DE CERTAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Mimesis e crítica da representação em Walter Benjamin. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia (Org.). *Mimesis e expressão*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 353-363.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio - uma leitura das teses sobre o conceito de história*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Narradores: vozes e poderes de pensadores, história oral. São Paulo, *Revista da Associação Brasileira Oral*, n. 5, p. 45-70, jun. 2002.

MATOS, Olgária. A narrativa: metáfora e liberdade, história oral. São Paulo, *Revista da Associação Brasileira Oral*, n. 4, p. 9-24, jun. 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESSANHA, José Américo Mota. Bachelard e Monet: o olho e a mão. In: NOVAES, Adauto (Org). *O olhar*. São Paulo: Cia das letras, 1988. P. 149-165.

ROUANET, Sérgio Paulo. Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita que os homens ou são eles que moram nelas? São Paulo, *Revista USP*, n. 15, p. 49-75, set./nov. 1992.

SENNETT, Richard. *Declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. P. 11-25.

STEINER, George. *No castelo do Barba Azul*: algumas notas para a redefinição de cultura. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*: Foucault revoluciona a história. Brasília: UnB, 1995.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

